

Montaigne: a fundamentação da educação nos moldes céticos e estoicos*

Gustavo Araújo Batista

<http://dx.doi.org/10.1590/S2176-6681/296711269>

Resumo

Afirma-se que a filosofia de Montaigne, sob a perspectiva educacional, oferece a possibilidade de uma pedagogia pautada no ceticismo intelectual e no estoicismo moral. Em virtude da necessidade de aproximar filosofia e educação, demonstra-se a aplicabilidade do pensamento filosófico de Montaigne à reflexão educacional, apresentando uma visão panorâmica da sua vida e de seus *Ensaíos*. O referencial teórico desta pesquisa bibliográfica é o materialismo histórico-dialético.

Palavras-chave: ceticismo; educação; estoicismo; filosofia; Montaigne.

* O presente trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), do Observatório de Educação (Obeduc) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig).

Abstract

Montaigne: the foundation of education in the skeptic and stoic molds

The main result of this article is the affirmation that Montaigne's philosophy, thought under an educational perspective, offers the possibility of a pedagogy based on intellectual skepticism and moral stoicism. Justified by the necessity of nearing philosophy and education, the objective is to demonstrate the applicability of Montaigne's philosophical thought to the educational reflection, offering a panoramic view of his life and of his Essays. The theoretical reference of this bibliographical research is the historic-dialectic materialism.

Keywords: skepticism; education; stoicism; philosophy; Montaigne.

Introdução

Este artigo tem como principal propósito tratar da perspectiva educacional presente no pensamento filosófico de Michel Eyquem de Montaigne (1533-1592), em cuja obra capital, *Ensaaios*, ao discorrer sobre os mais variados temas, discute a educação, seja para reprová-la nos moldes em que era praticada em sua época, seja para sugerir como a considerava correta.

Desse modo, aqui se propõe esboçar os tópicos principais do pensamento do ensaísta francês, à guisa de oferecer uma compreensão geral de sua filosofia e, particularmente, de suas ideias acerca da educação.

A título de facilitar a abordagem encetada pelo presente texto, será feita uma explanação sumária de sua trajetória existencial, bem como da classe social à qual pertencia. Depois, será feito um levantamento dos conceitos gerais do seu pensamento, posto que tal exercício será a chave para a interpretação de suas reflexões de ordem educacional. A razão de tal abordagem repousa no materialismo histórico-dialético segundo Lucien Goldmann (1913-1970), referencial teórico-metodológico selecionado para a elaboração desta pesquisa. Goldmann pondera que:

O pensamento é apenas um aspecto parcial de uma realidade menos abstrata: o homem vivo e inteiro. E este, por sua vez, é apenas um elemento do conjunto que é o grupo social. Uma ideia, uma obra só recebe sua verdadeira significação quando é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento. Além disso, acontece frequentemente que o comportamento que permite compreender a obra não é o do autor, mas o de um grupo social (ao qual o autor pode não pertencer) e sobretudo, quando se trata de obras importantes, o comportamento de uma classe social. (Goldmann, 1967, p. 7).

A importância de Montaigne para se pensar a educação repousa precisamente em seu ceticismo, ou seja, na opção teórica segundo a qual

não se deve aceitar facilmente nem praticar incondicionalmente tudo aquilo que se propugna certo, já que o raciocínio é aleatório: “Raciocinamos ao acaso e inconsideradamente, diz o Timeu de Platão, porque, como nós mesmos, é a nossa razão grandemente influenciada pelo acaso” (Montaigne, 2004a, p. 256). Em assim argumentando, sua mensagem é bem clara e precisa: se nosso julgamento é relativo, isso significa que nossa opinião é circunstancial, motivo pelo qual algo que seria adequado em certa situação, seria igualmente inadequado em outra e vice-versa; o mesmo aplica-se àquilo que se considera benéfico ou maléfico, porquanto:

O mercador só faz bons negócios porque a mocidade ama o prazer; o lavrador lucra quando o trigo é caro; o arquiteto quando a casa cai em ruínas; os oficiais de justiça com os processos e disputas dos homens; os próprios ministros da religião tiram honra e proveito de nossa morte e das fraquezas de que nos devemos redimir; nenhum médico, como diz o cômico grego da antiguidade, se alegra em ver seus próprios amigos com saúde; nem o soldado seu país em paz com os povos vizinhos. Assim tudo. E, o que é pior, quem se analise a si mesmo, verá no fundo do coração que a maioria de seus desejos só nascem e se alimentam em detrimento de outrem. (Montaigne, 2004a, p. 114-115).

Imbuindo-se de tal perfil de pensamento, Montaigne ensinaria que a educação é um objeto constantemente passível de revisão e de desconfiança: de revisão, por tratar-se de uma prática que precisa ser ininterruptamente repensada, seja em seus princípios, seja em seus fins, ou mesmo em seus métodos, os quais não são imutáveis, tampouco infalíveis; de desconfiança, por ser um objeto cujos efeitos podem ser opostos àqueles que são dele esperados, isto é, efeitos danosos ao invés de proveitosos, uma vez que o ensaísta defende que não se deve ingenuamente deixar-se convencer pelo que quer que seja, por mais sedutor ou simpático que pareça:

Não é sem motivo que atribuímos à simplicidade e à ignorância a facilidade com que certas pessoas acreditam e se deixam persuadir, pois penso ter aprendido outrora que acreditar é por assim dizer o resultado de uma espécie de impressão sobre a nossa alma, a qual a recebe tanto melhor quanto mais tenra e de menor resistência: “Assim como o peso faz pender a balança, assim a evidência determina o espírito”. Quanto mais a alma é vazia e nada tem como contrapeso, tanto mais ela cede facilmente à carga das primeiras impressões. Eis porque as crianças, o povo, as mulheres e os enfermos são sujeitos a serem conduzidos pela sugestão. Por outro lado, é tola presunção desdenhar ou condenar como falso tudo o que não nos parece verossímil, defeito comum aos que estimam ser mais dotados de razão que o homem normal. (Montaigne, 2004a, p. 174).

A operacionalização da educação torna-se, pois, sob tal perspectiva, uma pedagogia cética, para a qual não existem fundamentos, finalidades, metodologias inquestionáveis ou acima de qualquer suspeita. Montaigne, como um dos representantes modernos da filosofia cética, estabelecendo que em nada se pode confiar cegamente, alega, indiretamente, que não se deve acreditar que a educação tem poderes plenos ou absolutos sobre o desenvolvimento do ser humano, razão pela qual só lhe restaria atuar

no âmbito daquilo que seria, no máximo, provável, baseando-se no que é possível auferir pela vivência, apesar de a probabilidade também não ser algo a que se deva aquiescer sem quaisquer restrições.

Além de seu ceticismo lapidar, Montaigne também oferece de si próprio a imagem de um filósofo estoico, uma vez que, criticando a ênfase desnecessária dada à memorização, muito em voga na prática educativa de sua época, questiona a razão pela qual uma mente em que estão alojados tantos conhecimentos não consegue, em contrapartida, servir-se deles para aprimorar-se moralmente:

Mas como pode ocorrer que uma alma enriquecida de tantos conhecimentos não se torne mais viva e esperta, e que um cérebro vulgar e grosseiro armazene, sem se apurar, as obras e juízos dos maiores espíritos que o mundo produziu? (Montaigne, 2004a, p. 138).

Isso constitui, pois, um grave dano não apenas ao conhecimento, mas também à moralidade, haja vista que esse modo pelo qual se ensina e se aprende, apesar de tornar as pessoas mais doutas, as deixa incapazes de se aperfeiçoarem, não apenas intelectualmente (já que cultivar a memória não implica, necessariamente, desenvolver o intelecto), mas, sobretudo, moralmente:

Pelo modo como a aprendemos não é de estranhar que nem alunos nem mestres se tornem mais capazes embora se façam mais doutos. Em verdade, os cuidados e despesas de nossos pais visam apenas encher-nos a cabeça de ciência; de bom senso e virtude não se fala. Mostrai ao povo alguém que passa e dizei "um sábio" e a outro qualificai de bom; ninguém deixará de atentar com respeito para o primeiro. Não mereceria essa gente que também a apontassem gritando: "cabeças de pote!" Indagamos sempre se o indivíduo sabe grego e latim, se escreve em verso ou prosa, mas perguntar se se tornou melhor e se seu espírito se desenvolveu – o que de fato importa – não nos passa pela mente. Cumpre entretanto indagar quem sabe melhor e não quem sabe mais. (Montaigne, 2004a, p. 140).

Por tal razão, espera-se que as considerações no tocante às ideias filosóficas e educacionais desse autor suscitem reflexões a respeito da problemática da fundamentação teórica da educação, no sentido de conceber a pedagogia como uma atividade que, malgrado os incansáveis esforços especulativos e pragmáticos de seus profissionais, inevitavelmente comporta limites, falhas, preconceitos e imperfeições de diversas ordens, de modo que jamais deverá ser considerada um receituário incontestado ou dogmático para a formação do ser humano, mas sim um guia para seu autoaperfeiçoamento.

Montaigne: o homem e a sua formação

Montaigne descendia de uma família burguesa, os Eyquem, que eram comerciantes de vinho, peixes salgados e pastéis na cidade de Bordeaux (Bordéus), na região sudoeste da França conhecida como Aquitânia.

Começaram modestamente suas atividades que, com o tempo, prosperaram. O mais antigo Eyquem conhecido, cujo nome era Ramon, adquiriu uma propriedade entre Guienne e Périgord, próxima a Bordéus. Embora não fosse uma vasta área, dava-lhe título nobiliárquico. Destarte, tornou-se o primeiro *Seigneur de Montaigne*, por ser este o nome das terras compradas. A partir de então, a família Eyquem ascendeu não apenas economicamente, mas também socialmente, constituindo-se, assim, um exemplo típico do fenômeno da ascensão da burguesia, que, progressivamente, tornava-se a classe hegemônica que protagonizaria o curso da história da civilização ocidental.

Ramon herdou a seu filho Grimon o título e a propriedade. Este, por sua vez, continuou o processo de ascensão social e econômica da família. Tornou-se magistrado civil e casou as filhas com membros da magistratura judiciária; dois de seus filhos tornaram-se advogados e conselheiros no parlamento de Bordéus. Tais acontecimentos, pensados para além do âmbito pessoal e familiar, representam modos pelos quais a florescente burguesia europeia buscava galgar patamares cada vez mais elevados na sociedade, a fim de fazer prevalecer seus interesses. Assim, a classe burguesa, ao conquistar poderio econômico e social, buscava, igualmente, tornar-se politicamente influente e hegemônica, ainda que a expensas de estabelecer laços sanguíneos, seja consigo mesma, seja com a decadente nobreza de origem feudal, que, apesar de caminhar para o precipício da ruína econômica, ainda usufruía poder político e social, o qual interessava à burguesia, a título de expandir e consolidar seu domínio.

O primogênito de Grimon, Pierre, deixou a carreira contábil para se tornar militar, participando de guerras na Itália, e, ao retornar, retomou os negócios comerciais e políticos, além de ocupar-se da vida no castelo de Montaigne, exercendo e ampliando, destarte, a influência conquistada pelos Eyquem há, pelo menos, duas gerações.

Ao se casar com Antoinette de Louppes de Villeneuve, filha de um mercador de vinhos de Toulouse e descendente de uma família judaica de comerciantes luso-espanhóis, formou com ela uma típica família aristocrática de origem burguesa, o mesmo tipo que progressivamente substituía as decadentes famílias nobres de origem medieval, arruinadas pela economia feudal, a qual, sistematicamente, entrava em colapso devido ao advento da economia mercantilista, que auspiciava o advento do capitalismo. Ao se enobrecerem, os Eyquem conjugavam, pois, elementos nobiliárquicos e burgueses, visto que, à guisa de exemplo, adquiriram títulos e propriedades, somando-se a isso o empreendedorismo comercial, próprio do espírito burguês.

A educação dada ao filho Michel é uma prova incontestada da preocupação que seus pais tinham de formá-lo nos mais refinados moldes aristocráticos. Outrossim, Montaigne pode ser tomado como um exemplo de indivíduo para quem uma educação muito bem lapidada tornara-se imperativo, uma vez que, para um recém-aristocrata cuja família havia conquistado posição econômica, política e social de destaque, possuir uma educação aprimorada

ou sofisticada era uma distinção notória, já que era uma forma de ostentar e manter ainda mais seu *status quo*.

Durante a infância, o futuro quarto Senhor de Montaigne recebeu uma esmerada formação, muito bem diferenciada, mesmo para os padrões da mais refinada aristocracia europeia. Sua primeira língua foi, como ele próprio relata, o latim em vez do francês, por ser aquele um idioma de alta reputação, já que era – e ainda é –, ao lado do antigo grego ático, uma língua para eruditos. O ensaísta, antes de relatar a maneira pela qual seu pai havia se empenhado em fazer com que aprendesse tanto a língua do Lácio quanto a da Hélade, declara:

O latim e o grego são sem dúvida belos ornamentos, mas custam caro demais. Pois direi aqui o modo de adquiri-los mais barato que de costume, modo esse experimentado por mim mesmo. Quem quiser que o adote. (Montaigne, 2004a, p. 170).

Destarte, o filósofo aqui anuncia o método que julga mais eficaz para se ensinar e aprender idiomas – expressando sua opinião a respeito do modo por que julga mais adequado processar-se a educação linguística, condenando, assim, a prática de ensino/aprendizagem de línguas por meio da coerção ou da violência –, o qual consiste em forçar o indivíduo a ouvir e a falar servindo-se dele, uma vez que foi graças a isso que adquiriu fluência em língua latina, antes mesmo de tornar-se francófono.

Meu falecido pai, tendo procurado por todos os meios, entre homens de saber e inteligência, a melhor forma de educação, percebia os inconvenientes do método então em uso. Disseram-lhe que o tempo que levávamos a aprender as línguas que a gregos e romanos nada haviam custado era o único motivo por que não podíamos alcançar a grandeza de alma e os conhecimentos dos antigos. Não creio que essa seja a única causa, mas o que importa no caso é a solução que meu pai encontrou. Logo que desmamei, antes que se me destravasse a língua, confiou-me a um alemão, que morreu médico famoso em França e que ignorava completamente o francês, mas possuía perfeitamente o latim. Esse alemão, que meu pai mandara vir de propósito e pagava muito caro, ocupava-se continuamente de mim. Dois outros menos sábios do que ele acompanhavam-me sem cessar quando folgava o primeiro. Os três só me falavam em latim. Quanto aos outros de casa, era regra inviolável que nem meu pai, nem minha mãe, nem criados ou criadas, dissessem em minha presença senão as palavras latinas que haviam aprendido para se entenderem comigo. Em suma, tanto nos latinizamos que a coisa se estendeu às aldeias circunvizinhas onde ainda hoje se conservam, pelo uso, vários nomes latinos de artífices e ferramentas. Quanto a mim, aos seis anos não compreendia mais o francês ou o dialeto da terra do que o árabe. Mas sem método, sem livros, sem gramática, sem regras, sem chicote nem lágrimas, aprendera um latim tão puro quanto o do meu professor, porquanto nenhuma noção de outra língua o podia perturbar. (Montaigne, 2004a, p. 170-171).

Ao expor a eficácia do método com que aprendera latim, Montaigne sai em defesa de uma educação que se faça de maneira mais natural ou espontânea, sem castigos, punições ou coações de quaisquer gêneros, porquanto isso garantiria um aprendizado sólido e duradouro, assim

como tornaria o ensino mais prático ou útil. Outrossim, aqui se nota uma articulação entre o conhecimento e a liberdade, uma vez que educar espontânea ou naturalmente não significa apenas trabalhar disciplinas ou conteúdos de modo tranquilo ou prazeroso; diz respeito, sobretudo, ao exercício livre ou independente da capacidade de o ser humano pensar e expressar-se individualmente, conforme sua vontade.

Destarte, percebe-se que tal postura em relação ao que deveria ser considerado a mais correta forma de educação exprime magistralmente uma das múltiplas facetas do movimento renascentista, segundo a qual saber e ser livre constituem um dos ideais forjados por este espírito da época, o qual enfatizou a imprescindibilidade do conhecimento para a liberdade, da mesma forma que sublinhou a condição pela qual a liberdade não se realizaria sem o conhecimento. Cassirer (2001) pondera que, sobretudo na Renascença:

O problema da liberdade entrelaça-se intimamente com o problema do conhecimento: a concepção de liberdade determina o conceito de conhecimento, assim como, inversamente, a concepção de conhecimento determina o conceito de liberdade. Pois a espontaneidade e a produtividade do conhecimento são o que, em última análise, selam a convicção acerca da liberdade e da força criativa do homem. (Cassirer, 2001, p. 201).

Montaigne, argumentando em prol de uma formação que aliasse conhecimento e liberdade, discute, a exemplo do que percebeu ter ocorrido consigo próprio, a respeito da importância de educar-se de maneira jocosa, ressaltando, assim, o aspecto lúdico do processo educativo, fator que propiciaria, simultaneamente, o aprendizado sem coerção, embora um tanto quanto artificial, e o exercício prático da liberdade. Ainda que tal método lúdico aplicado por seu pai para lhe ensinar a língua grega não lhe tenha sido tão prolífico, não descarta os seus méritos, por tratar-se de um conjunto de procedimentos que lhe franquearam aprender a portar-se livremente, sem prejuízo de seu aprimoramento intelectual e moral, como demonstra a seguinte passagem:

Quanto ao grego quase não o compreendo. Meu pai tentou ensinar-me com método, mas não como habitualmente, antes sob forma de jogo e folguedo. Inscrevíamos as declinações em pedacinhos de papel que dobrávamos e pregávamos ao acaso, à maneira dos que aprendem aritmética ou geometria. Porque entre outras coisas lhe tinham aconselhado que me levasse a amar as ciências e o dever não pela força, mas por minha própria vontade, e que me educasse pela doçura e sem rigor nem constrangimento, dando-me inteira liberdade. E isso até a superstição, porquanto em sustentando alguns que perturba o cérebro tenro da criança acordá-la em sobressalto e arrancá-la ao sono, mais profundo nelas do que em nós, de repente, bruscamente, mandou que me acordassem ao som de algum instrumento, e nunca faltou quem o fizesse. (Montaigne, 2004a, p. 171).

Ao narrar sua própria formação intelectual, seja em seus triunfos, seja em seus fracassos, Montaigne demonstra não se vangloriar dela, uma vez que os princípios céticos por ele adotados lembravam-lhe constantemente

que nada era absolutamente confiável, razão pela qual seria inútil agarrar-se a um saber que poderia ser facilmente contestado. Mesmo assim, a obra que legou à posteridade revela a invejável erudição por ele adquirida, a qual foi construída pelas reflexões que fazia nutrindo-se da leitura dos filósofos greco-latinos, bem como dos pensadores judaico-cristãos, somando-se a tal o contato com os escritos de autores europeus, contemporâneos seus, o que lhe propiciou uma perspicácia que, por fim, mergulhou sua mente em si mesma, para dela fazer emergir o retrato de um homem que, ao procurar descrever-se a si próprio, acaba por esboçar a própria imagem da natureza humana.

Ademais, a autodescrição por ele concebida converte-se, segundo alega Theobaldo (2008, p. 245), na chave que abre as portas para a educação intelectual e moral do próprio indivíduo, haja vista que:

Montaigne prescreve a experiência que cada um tem de si mesmo como único apoio para orientação de suas ações. Só o voltar-se para si mesmo, para a matéria da própria experiência, é a única maneira de orientar as condutas e de alimentar as reflexões. (Theobaldo, 2008, p. 245).

Em assim sendo, é como se o precípua ensaísta de Bordéus, colocando-se na qualidade de preceptor, dissesse: “Conhece-te a ti mesmo, para te educares”!

Se, por um lado, o ceticismo intelectual de Montaigne adverte que não se deve deixar levar pela sedução do saber, por outro lado, seu estoicismo moral é irredutível, em se tratando de a virtude ser indispensável para o êxito da educação. Quanto a esse quesito, aqui já não resta mais dúvida: sem virtude, impossível ser bem educado; impossível ser útil a si mesmo e aos semelhantes; impossível até mesmo fazer o devido uso de tanto saber acumulado. Por tal motivo, Montaigne ressalta que: “O proveito de nosso estudo está em nos tornarmos melhores e mais avisados” (Montaigne, 2004a, p. 153).

Ao subordinar a formação intelectual à formação moral, a perspectiva de educação proposta por Montaigne revela uma tríplice problemática: o problema do conhecimento, que, por sua vez, vincula-se ao problema da liberdade, o qual, por seu turno, conecta-se ao problema da virtude, da mesma forma que este último se liga ao primeiro. Tais questões não estão, pois, isoladas, porquanto o conhecimento está ordenado à liberdade e à virtude do indivíduo, ou seja, ele conhece a si mesmo para se tornar livre e virtuoso; do mesmo modo, para ser livre há que se buscar o saber e o cumprimento do dever (virtude), o que, por sua vez, tornar-se-á irrealizável sem o mínimo de conhecimento e de liberdade da parte da pessoa humana – eis o triângulo que constitui o cerne do desafio educacional elucidado pelo ensaísta.

A inter-relação conhecimento, virtude e liberdade, expressa por Montaigne, sintetiza seu ideário filosófico-educacional cético e estoico, uma vez que o processo educativo por ele concebido funciona em torno destes princípios:

- a) deve-se ser educado para a sabedoria (ou seja, para se ter conhecimento teórico e prático tanto de si próprio quanto do mundo¹). Este ideal de sabedoria, que funde os aspectos intelectuais e morais, aproxima Montaigne muito mais do estoicismo do que do ceticismo. Ademais, vale aqui ressaltar que, segundo o ensaísta, sabedoria e erudição não são termos intercambiáveis, porquanto:

Um erudito, com seu discurso eloquente repleto de adornos emprestados, até pode disfarçar-se de sábio, mas isto não passa de aparência. A verdadeira sabedoria [*sagesse*] não é erudição, uma vez que poucos são os conhecimentos compreendidos nesta última capazes de incidir no crescimento da alma. Montaigne afasta-se do erudito, daquele que exclusivamente abastece a alma com assuntos e conhecimentos alheios, numa atividade que apenas mobiliza a memória. A verdadeira finalidade da formação está na capacidade de mobilizar, através de variados meios pedagógicos, as condições que conduzam ao exercício do julgamento. (Theobaldo, 2008, p. 41; grifo da autora).

- b) deve-se ser educado para a liberdade (seja nos próprios pensamentos, seja nas próprias ações, sem qualquer tipo de preconceito, limitação ou coação). Conforme frisa Theobaldo, “O que atrai Montaigne ao ceticismo é justamente a liberdade de levar a investigação a qualquer assunto, liberando o julgamento para se exercitar em qualquer direção” (Theobaldo, 2008, p. 90; nota 96). Destarte, esta predileção pelo livre pensamento é convertida no modo em que o ensaísta acredita que o indivíduo deva ser educado, uma vez que uma mente servil, curvada aos preconceitos, ao pedantismo, à superstição, ao fanatismo e a coisas do gênero, somente será inclinada à obediência irracional e à reprodução cega em relação a doutrinas que, além de impedirem o avanço e o aprofundamento do saber raciocinado e do livre pensamento, alimentam a intolerância e o obscurantismo em suas mais variadas formas, jamais derrubando o império da ignorância, algo da humanidade.

- c) deve-se ser educado para a virtude (isto é, para a aquisição do hábito de conduta irrefreável, em se tratando do cumprimento do dever), já que a virtude consiste na justa medida do comportamento, razão pela qual, “Pelo hábito da virtude aprende-se a usufruir de todos os bens da vida de forma regrada, tornando a existência afortunada e natural” (Theobaldo, 2008, p. 50). Conseqüentemente, mesmo em meio a uma existência repleta de instabilidade ou incerteza, a virtude é, para Montaigne, o porto seguro no qual o indivíduo encontrará o domínio das próprias paixões, a balança na qual fará sua mente repousar em equilíbrio, para que possa portar-se racionalmente, nunca perdendo o senso da medida e da proporção, de maneira que sua existência, por mais breve ou insignificante que seja, ao menos se torne útil ou honrosa, ainda que somente em proveito próprio.

Para que os princípios supracitados sejam realizáveis, torna-se imperativo o recurso à filosofia: “Afinal, a filosofia nos ensina a viver, e o

¹ Montaigne não faz apologias ao conhecimento enciclopédico, muito defendido e difundido em sua época. Ao contrário de uma educação mnemônica e pedante, propõe que:

“Para um filho de família que procura as letras, não pelo lucro (pois um fim tão abjeto é indigno da graça e do favor das musas e, por outro lado, não depende de nós), nem tanto pelas vantagens exteriores que nos oferece, como pelas suas próprias, e para se enriquecer e adornar por dentro, para um rapaz que mais desejaríamos honesto do que sábio, seria útil que se escolhesse um guia com cabeça bem formada, mais do que exageradamente cheia e que, embora se exigissem as duas coisas, tivesse melhores costumes e inteligência do que ciência” (Montaigne, 2004a, p. 151).

aprendiz deve ser convencido de todas essas vantagens e utilidades, sendo incentivado a permanecer junto dela” (Theobaldo, 2008, p. 50). Contudo, não se deve ser tão apressado em tirar daí conclusões irrefutáveis, sobretudo em se tratando de um autor tão sinuoso e sutil como Montaigne, para o qual:

As tendências naturais desenvolvem-se e se fortalecem pela educação, mas não se modificam. Tenho visto milhares de indivíduos voltarem-se para a virtude ou o vício, apesar de uma educação que os deveria impelir para o lado oposto. (Montaigne, 2004b, p. 158).

Desse modo, há que se convir que, malgrado sua apologia à virtude, por defender que a educação deve também girar em torno dela, isso não constitui, por si só, garantia segura de êxito, posto que, além de ser a natureza humana imprevisível, a instabilidade e a incerteza que governam a realidade não a tornam absolutamente confiável, restando que, pela educação, aumentariam apenas as chances de uma existência pessoal mais bem sucedida, embora ausente de certeza de sucesso.

Considerações finais

O ceticismo de Montaigne conduz à constante desconfiança em relação a tudo, inclusive a si mesmo, razão pela qual nunca se deve ficar iludido a seu próprio respeito, o que, inevitavelmente, implica reconhecer a condição de fraqueza e humildade. Em contrapartida, seu estoicismo está direcionado à virtude como aquilo de mais precioso que a educação pode sedimentar no indivíduo, coroando seu exercício da liberdade e nele provando a sabedoria de seus pensamentos e ações.

A filosofia de Montaigne incomoda, uma vez que seu autor não quer em momento algum que se confie incondicionalmente nos poderes do conhecimento, seja ele de que natureza for. Da mesma forma, o ensaísta desfere golpes contra a infalibilidade da razão, apesar de reconhecer a importância e a imprescindibilidade dessa faculdade e também não quer apostar cegamente nos poderes da educação, uma vez que ela é apenas um instrumento de aperfeiçoamento, o que não garante felicidade, tampouco mudança das predisposições naturais individuais.

A educação nos moldes céticos e estoicos, preconizada por Montaigne, consiste em duvidar que a educação, por si mesma, resolva os mais profundos desafios existenciais humanos; em contrapartida, sua proposta educacional não hesita em defender a virtude, porquanto é indispensável para o aprimoramento do próprio ser humano. Ademais, por ela, instaurar-se-á a liberdade humana, posto que um indivíduo virtuoso não terá sua mente subserviente a preconceitos, erros, superstições e coisas do gênero.

A virtude, força que propulsiona o progresso intelectual e moral da natureza humana, é aquilo que liberta de paixões que predispõem ao vício. Consequentemente, por sua senda, a humanidade poderá alçar os patamares mais elevados da sua própria evolução, cuja responsabilidade é inalienável, motivo pelo qual o homem se torna artífice de seu próprio destino. Por isso, a educação cética e estoica de Montaigne é um apelo à busca pela sabedoria,

a qual se orienta para a aquisição da virtude, que, por sua vez, é a chave para a libertação das imperfeições de que padece a condição humana.

Aprender a sabedoria pela dúvida, para elaborar uma idiossincrasia sólida e independente; aprender a cultivar a virtude, para construir uma índole inquebrantável e implacável no cumprimento das próprias obrigações, concernentes às condições nas quais o indivíduo pode se encontrar, a fim de que sua liberdade não se converta em irresponsabilidade libertina: esta é a mensagem do ensaísta e este é um dos múltiplos matizes do espírito de época da Renascença, a qual, reabilitando o ceticismo e o estoicismo (sendo Montaigne um exemplo capital de um e de outro), faz com que seus ideais ecoem até os presentes dias, com muita atualidade, considerando-se a urgência de uma formação intelectual e moral capaz de oferecer à sociedade indivíduos de conduta íntegra e de espírito indagador, pessoas valorosas dispostas a tornar o mundo em que vivem um lugar prazeroso e digno, tanto para si mesmas, quanto para seus semelhantes, promovendo, simultaneamente, um modo de viver em harmonia com o universo.

Referências bibliográficas

- CASSIRER, Ernst. *Indivíduo e cosmos na filosofia do renascimento*. Tradução do alemão: João Azenha Jr. Tradução do grego e do latim: Mário Eduardo Viaro. São Paulo: Martins Fontes, 2001. 309 p. (Tópicos).
- GOLDMANN, Lucien. *Dialética e cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. 235 p.
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 2004a. 511 p. (Os Pensadores, v. 1).
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaíos*. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Nova Cultural, 2004b. 400 p. (Os Pensadores, v. 2).
- THEOBALDO, Maria Cristina. Sobre o “Da educação das crianças”: a nova maneira de Montaigne. 2008. 258 f. Tese (Doutorado em Filosofia) — Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 2008.

Gustavo Araújo Batista, doutor em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), é professor da Universidade de Uberaba (Uniube), Uberaba, Minas Gerais, Brasil.
mrgugaster@gmail.com

Recebido em 20 de junho de 2013.

Revisado em 13 de fevereiro de 2014.

Aprovado em 25 de março de 2014.